

WILLIAM JAMES: A CONSTRUÇÃO DO PLURALISMO NO SUL MAIS DISTANTE

WILLIAM JAMES: THE CONSTRUCTION OF PLURALISM IN THE DEEPEST SOUTH

Alexandre Mendes^A

 <https://orcid.org/0000-0002-9405-8021>.

^A Prof. Adjunto da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Coordenador do grupo de pesquisa Direito, Pragmatismos e Filosofia (CNPq/UERJ).

Correspondência: fmendes.alexandre@gmail.com

DOI: 10.12957/rfd.2022.71430

Artigo recebido novembro de 2022 e aceito para publicação em dezembro de 2022.

Resumo: O objetivo deste artigo é avaliar a iniciação filosófica de William James do ponto de vista da experiência continental que caracterizou a Expedição Thayer (1865-66), liderada pelo cientista suíço-americano Louis Agassiz. A hipótese que guia a pesquisa é que o contato de James com o contexto atlântico e amazônico engendrou o seu primeiro esforço pluralista, através das impressões sensíveis obtidas durante a viagem ao Brasil e sendo seguido, no mesmo período, por uma clara dimensão teórica registrada em suas primeiras publicações. A abordagem busca explorar um “eixo transatlântico do sul” no pensamento de James, que teria desempenhado um papel fundamental na composição de seu ponto de vista pluralista.

Palavras-chave: William James, Pluralismo, Estudos Transatlânticos, Amazônia.

Abstract: The purpose of this paper is to evaluate the relation between William James and his philosophical initiation from the point of view of the continental experience that characterized the Thayer Expedition (1865-66), led by the Swiss-American scientist Louis Agassiz. My hypothesis is that James's contact with the Atlantic and Amazonian context compelled his first pluralistic effort, pursued through sensitive impressions obtained during the trip to Brazil, and being followed, in the same period, by a clear theoretical dimension registered in his first publications. My approach seeks to explore a “Southern transatlantic axis” in James's thinking, which has played a key role in the composition of his pluralistic point of view.

Keywords: William James, Pluralism, Transatlantic Studies, Amazonia

INTRODUÇÃO

Em sua primeira carta descrevendo a ancoragem do vapor Colorado no Rio de Janeiro, ocorrida no dia 22 de abril de 1865, o filósofo William James, à época um estudante na Escola de Medicina de Harvard, com apenas 23 anos, descreve o que seria o dia mais feliz da sua

vida¹. À semelhança do relato realizado pelo escritor americano Herman Melville, alguns anos antes², James não encontra palavras para comentar a magnificência da visão do porto, com suas “montanhas arrojadas e grandiosas, próximas e ao longe”, as palmeiras e outras árvores do “verde mais vívido” que ele já havia visto em qualquer outro lugar. Em terra firme, o Rio se materializa como uma cidade quase africana, com pessoas afro-brasileiras andando, se recostando ou dormindo nas ruas. Os homens vestiam camisas e calças de linho, as mulheres grandes turbantes. A estranheza do lugar, o prazer de andar em solo firme, o “delicioso perfume da terra”, após três semanas de penúria nos mares agitados, são, para ele, intoxicantes³.

A caminhada revela, também, que as ruas da cidade e as lojas lembram muito a Europa. Em uma “excelente livraria”, recheada de livros franceses, de trabalhos científicos e filosóficos, James quase não se contém de saudade do “pecaminoso, mas muito humano velho continente”⁴. Os brasileiros são descritos, agora, como índios pálidos e velhos. Sempre educados e solícitos, vestem fraques pretos e lustrosos acompanhados de um chapéu da mesma cor, lembrando um desfile de “*épiciers endimanchés*”⁵. James pede desculpas ao amigo e futuro pintor, John Lafarge, por não ter aceitado o dinheiro oferecido para a compra de penas e flores. O Rio, no olhar do jovem americano, é um mercado a céu aberto, com todo o tipo de curiosidades (plantas, besouros, pássaros e borboletas) sendo disputadas por um público internacional ávido para consumir representações exóticas e tropicais⁶.

No dia seguinte, James pensa novamente nas montanhas e cogita se existem, nelas, marcas de antigas geleiras e glaciares, fato que mudaria toda a programação da viagem⁷. A especulação parece bem estranha, tratando-se de uma cidade no coração dos trópicos, mas essa era a principal motivação que trouxe o jovem estudante ao Brasil. Sabendo que o seu antigo professor em Harvard, o renomado cientista suíço-americano Louis Agassiz, buscava voluntários para uma expedição científica que atravessaria o Brasil na direção da Amazônia,

¹ Carta para Henry James Sr. e Mary Robertson Walsh James, 21-22 de abril de 1865. In: Machado, 2006, p. 53

² Cf. Melville, H. 2017. Sobre a relação entre Herman Melville e a cidade do Rio de Janeiro, cf.: Heflin, 2004, Cap. 9.

³ Machado, 2006, p. 54.

⁴ *Id.* p. 55

⁵ *Id.* Grifado por William James.

⁶ Carta para Alice James, 27 de abril de 1865. *Id.* p. 57. Sobre a formação de um público internacional e o consumo de produtos relacionados às representações tropicais do século XIX, cf.: Stepan, 2001, p. 31-56.

⁷ *Id.* p. 55

James se inscreve no empreendimento com a esperança de desenvolver suas habilidades como naturalista e, assim, confirmar a sua vocação.

A Expedição Thayer, permanecendo no Brasil de abril de 1865 a julho de 1866, tinha como objetivo central detectar vestígios de glaciares na América do Sul, comprovando a ocorrência, no passado, de uma catástrofe responsável pela eliminação de todos os seres vivos da Terra⁸. Além disso, através de uma coleta realizada nos diferentes tributários do Rio Amazonas, pretendia confirmar que as diferentes espécies de peixes não se deslocavam do local de origem, sendo criadas para aquele específico lugar. Para Agassiz, tanto a teoria da “glaciação” como a da “distribuição geográfica das espécies” comprovariam que a extinção e a recriação dos seres vivos eram resultado de um plano divino de aperfeiçoamento constante, em nada semelhante à teoria da seleção natural de Darwin, baseada no acaso e em longos períodos de evolução⁹.

Instalado num laboratório situado na Rua Direita, principal via urbana do Rio de Janeiro à época, James inicia a coleta de criaturas marinhas na Baía de Guanabara, mas logo começa a sentir os sintomas de um tipo de varíola que contraiu na cidade. Além do sofrimento imposto pela doença, ele descobre que o trabalho mecânico de coleta é, na verdade, entediante e insuportável. É neste contexto que revela, pela primeira vez, o desejo de se dedicar unicamente à filosofia: “quando voltar para casa, vou estudar filosofia pelo resto dos meus dias”.¹⁰ E na saída de sua internação da Casa de Saúde, tendo refletido durante as três semanas em que sofreu “nos braços da deusa da abominação”, amadurece a ideia: “tenho agora certeza de que meu forte não é participar de expedições de exploração. Eu não possuo uma ânsia interna me empurrando nesta direção, como tenho em relação a diversas linhas especulativas”¹¹.

A decisão tomada no Brasil em favor de uma vida filosófica é um dos temas mais correntes entre os comentadores e biógrafos do filósofo americano. Ralph Barton Perry situa as cartas enviadas do Brasil por James no intervalo que vai de seus estudos iniciais em medicina e ao início de sua efetiva carreira filosófica. Jean Wahl afirma que é no Brasil que James descobre sua inclinação para tentar compreender o mundo, e não para coletar amostras

⁸ Cf. Machado, 2006.

⁹ Cf. Irmscher, 2013 e 2017 [cap. 2 e a Introdução].

¹⁰ Carta para Henry James Sr, 03 de maio de 1865.

¹¹ Carta para Henry James Sr, 03 de junho de 1865. Grifo por William James. In: Machado, 2006, p. 61.

e espécies naturais. Para Robert Richardson, a viagem para a Amazônia foi uma experiência crucial, deixando como herança, de um lado, o marco negativo da recusa em ser naturalista e, de outro, uma paixão pelos detalhes, pelos fatos especiais e uma quebra de estereótipos advinda de seu contato com negros e com indígenas¹².

No entanto, além do impacto mais evidente da viagem no percurso individual de James, uma série de pesquisas recentes, oriundas do Brasil e dos Estados Unidos, dentre as quais destaca-se o livro *O Brasil no olhar de William James* (2010), da historiadora brasileira Maria Helena Machado¹³, tem revelado o contexto mais abrangente da Expedição Thayer. Através dessa literatura¹⁴, é possível compreender que James estava inserido, não apenas no drama de suas incertezas vocacionais, mas em uma complexa teia de interesses geopolíticos, jurídicos e continentais, envolvendo assuntos como a permanência da escravidão e da economia da *plantation*, os efeitos do intercâmbio racial no continente, a internacionalização da Amazônia e os impactos do evolucionismo na relação entre ciência e religião.

Partindo dessa perspectiva mais abrangente, o objetivo deste trabalho é reavaliar a relação entre William James e a sua iniciação filosófica do ponto de vista da experiência continental que marca a Expedição Thayer. Nossa hipótese é que o contato com o contexto atlântico e amazônico provoca em James um primeiro esforço pluralista, conduzido através de impressões sensíveis ocorridas na viagem ao Brasil e sendo acompanhado, no mesmo período, por uma clara dimensão teórica, registrada em suas primeiras publicações. Assim, a abordagem inspira-se na agenda de estudos que Martin Halliwell e Joel Rasmussen denominam, em obra coletiva, de “William James e a conversação transatlântica” (2014). Mas, ao contrário de uma leitura restrita às trocas realizadas no Atlântico Norte, o nosso objetivo é indicar que existe um eixo atlântico Sul no pensamento de James, cumprindo um papel fundamental na composição de seu pensamento pluralista.

Desde o início, no entanto, vale esclarecer que por “Sul” não entendemos apenas um vetor de representação geográfica e territorial, mas uma perspectiva qualitativa adotada por

¹² Cf. Perry, 1996, p. 74; Wahl, 1932, p. 30, Richardson, 2006 (*Kindle edition*).

¹³ Maria Helena Machado é atualmente Professora Titular do Departamento de História da Universidade de São Paulo e especialista em estudos sobre escravidão, abolição e pós-emancipação, com pesquisas que conectam a história social do Brasil e dos Estados Unidos. Meu contato com sua extensa pesquisa foi um importante ponto de partida para este artigo.

¹⁴ Para referências anteriores sobre a participação de James na expedição, cf.: Perry, [1936] 1996; Livingston, 1951. Para referências publicadas no Brasil, cf. James, 1952; Freyre, [1957] 1990. Sobre esse relativamente novo campo de pesquisa, cf.: Menand, 2001; Lago, 2001; Freitas, 2002; Machado, 2005 and 2006; Huber; Machado, 2010; Rogers, 2010; Rates, 2010; Croce, 2018.

dentro de um conjunto específico de relações sociais, culturais e políticas. Deste ponto de vista, antecipando debates da filosofia pragmática, o Sul aparece de duas formas distintas e concomitantes: (i) primeiro, como o laboratório de um mundo estático e determinado, fundado na hierarquia e na segregação; (ii) segundo, como a composição de um universo pluralista aberto à experiência e à indeterminação¹⁵.

Se a Amazônia, nesse período, é considerada o lugar privilegiado de uma batalha a ser realizada, é porque ela concentra, com toda a intensidade, a presença das duas perspectivas sobre o Sul nas bordas do caldeirão atlântico e caribenho. Na primeira parte deste artigo, recorreremos ao termo “O sul mais profundo”, utilizado pelo historiador americano Gerald Horne¹⁶, para descrever a Amazônia como um laboratório oitocentista de hierarquias sociais e naturais. Do ponto de vista histórico, ele fomenta duas utopias: a primeira, de um vasto império escravista articulado a partir do sul dos Estados Unidos, imaginário que prevalece até o final da Guerra Civil americana; a segunda, de um mundo industrializado e livre, mas radicalmente contrário à miscigenação e ao pluralismo, perspectiva adotada pela Expedição Thayer.

Como veremos na última parte do artigo, é no interior das disputas travadas no “sul mais profundo” que James inicia sua inclinação na direção de um pensamento pragmático e pluralista, forjado como resposta aos problemas com os quais ele se confronta. O deslocamento é realizado a partir de três esforços, exercidos com considerável clareza, apesar da juventude do autor, a saber: (i) um esforço de observar a realidade sem a adoção de premissas estabelecidas, deixando-se transformar pelas novas experiências; (ii) um esforço de abertura para a diferença e para o contato com novas culturas, recusando as teorias raciais de Agassiz; (iii) um esforço de recepção não dogmática do evolucionismo, evitando um novo determinismo de viés darwinista.

1. O SUL MAIS PROFUNDO

A autobiografia de Samuel Clemens (Mark Twain) registra um fato curioso. Uma década antes da chegada da Expedição Thayer no Brasil, o escritor americano, com 21 anos, trava contato com as narrativas de exploração do tenente William Herndon na Amazônia,

¹⁵ Para uma abordagem semelhante sobre o conceito de “Sul”, cf.: Cocco, 2009.

¹⁶ Horne, 2010.

encantando-se com suas descrições sobre a folha de coca. Decidido a fazer fortuna exportando o produto, Clemens, à época em Ohio, embarca no vapor “Paul Jones” com a esperança de chegar à bacia amazônica descendo pelo Mississippi. Uma vez em Nova Orleans, ele percebe que esqueceu um detalhe: não havia barcos interligando a cidade americana com o Pará (atual Belém), e “provavelmente não existiriam por todo o século”¹⁷. Sem amigos e sem dinheiro, Clemens recorre ao navegador Horace Bixby para tornar-se piloto, passando a exercer a profissão até a eclosão da Guerra Civil, deixando de lado o sonho de enriquecer na Amazônia.

Embalada pelo tom de aventura, a percepção de Twain a respeito da existência de uma continuidade entre o Mississippi e o Amazonas não era de todo equivocada. Segundo Maria Helena Machado¹⁸, o tenente americano Matthew Fontaine Maury, célebre inventor do telégrafo marinho e do torpedo naval, havia chegado à mesma conclusão, estudando as correntes marítimas e os ventos transatlânticos. De acordo com essa teoria, um pedaço de lenha percorrendo o Rio Amazonas chegaria facilmente à embocadura do Mississippi através do Mar do Caribe e do Golfo do México. A Amazônia estaria, portanto, mais próxima do estreito da Flórida e do Mississippi do que da capital do império brasileiro, o Rio de Janeiro. Não por acaso, décadas depois, o escritor brasileiro Euclides da Cunha iria afirmar que o rio Amazonas é o “menos brasileiro dos rios”, ao desafiar o lirismo nacionalista lançando uma quantidade gigantesca de “terra sem pátria” na direção dos litorais norte-americanos¹⁹.

Para Maury, a constatação geofísica deveria se traduzir numa política externa favorável aos estados escravistas do Sul. Ela seria baseada na deportação de pessoas escravizadas para novas colônias americanas na Amazônia, fortalecendo um eixo econômico alternativo, que já existia em razão da presença de alguns comerciantes americanos na região. Assim, Maury envia William Herndon para a Amazônia com a missão secreta de descrever tudo que pudesse servir aos interesses sulistas. O resultado das observações é o *best-seller* que Twain tinha em mãos, *Exploration of the Valley of the Amazon* (1854), uma espécie de

¹⁷ *Apud* Machado, 2006b, p. 18

¹⁸ Machado, 2006b, p.31.

¹⁹ “Neste ponto, o rio, que sobre todos desafia o nosso lirismo patriótico é o menos brasileiro dos rios” (...); “Antolha-se-lhe um contrassenso pasmoso: à ficção do direito internacional estabelecendo por vezes a exterritorialidade, que é a pátria sem terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física: a terra sem pátria”. Da Cunha, 2018, p. 47-48. Cf. também: Hardman, 2009; Hecht, 2013.

Destino Manifesto direcionado ao Sul e que prega a união, “como dois irmãos”, entre o Vale do Amazonas e o Vale do Mississippi²⁰.

O historiador Gerald Horne denomina este vetor da expansão americana de “o sul mais profundo”. Curiosamente, ele passa pelo Oeste, não só na medida em que anexação de novas terras apontava para o sul, mas porque o caminho mais seguro para se chegar à Califórnia era através do Cabo Horn, com parada obrigatória no Rio de Janeiro. Durante a Corrida do Ouro (1848-1855), milhares de americanos viajam pela costa brasileira e relatam suas impressões sobre o território, os costumes e a incontornável visão da escravidão.

Segundo Horne, esse contato teve efeitos concretos e ambivalentes na sensibilidade americana no período *antebellum*. De um lado, os viajantes ficavam horrorizados com a chocante visão do mercado de pessoas escravizadas no Rio de Janeiro, não raro tomado por cadáveres de africanos mortos na travessia. De outro, surgiam relatos nos jornais americanos sobre o peculiar acesso de negros e mestiços aos cargos públicos, comércio e honrarias do império. O Brasil aparecia, paradoxalmente, como um possível modelo para a sociedade americana, sendo utilizado, mesmo que de forma romântica e equivocada, na campanha de importantes ativistas abolicionistas como Frederick Douglass, que defendeu essa posição no artigo *Blacks in Brazil*, de 1849.²¹

Enquanto, “ironicamente, ambos os sentimentos — o Brasil como horror racial e o Brasil como paraíso racial - serviam para minar a escravidão nos Estados Unidos”²², a frente sulista sonhava com o contrário: uma aproximação com o Brasil parecia inevitável, considerando o bloqueio da expansão escravista à Oeste. O controle da bacia amazônica e sua vinculação à zona de influência do Mississippi poderia garantir um futuro estável para a economia da *plantation*, expandindo a fronteira americana para longe dos entraves nacionais. O “Sul mais profundo” aparece em toda a sua ambivalência: espaço de uma nova sensibilidade abolicionista; fronteira terrível de um duradouro império escravocrata.

Partindo do mesmo argumento, o historiador Matthew Jason Karp, em livro intitulado *This Vast Southern Empire* (2016), defende que a ideia de um império sulista permite que a história americana seja vista a partir de um reajuste de coordenadas. Para Karp, embora os livros de história apresentem a anexação do Texas (1845) na linha de continuidade que aponta

²⁰ Harndon, 1853; Machado, 2006.

²¹ Horne, 2010, p. 26. Brito, 2014; Brito, 2019.

²² Horne, 2010, p. 26.

para o Oeste, indo até a Califórnia e o Oregon, os seus companheiros geopolíticos naturais à época eram Cuba e o Brasil: “para os líderes sulistas envolvidos na anexação, a balança de poder mais crítica não era seccional ou senatorial, mas internacional e hemisférica”²³. E a balança do império do Sul era clara: ela deveria garantir o algodão, a escravidão e uma blindagem contra os interesses britânicos.

2. O INSISTENTE SUL

Em abril de 1865, durante as três semanas que a Expedição Thayer navega rumo ao “Sul mais profundo”, a Guerra Civil encontra o seu fim e Abraham Lincoln é assassinado. Em setembro, William James, navegando em pleno Rio Solimões, na Amazônia, escreve a seu pai, Henry James Sr., dizendo que não consegue pensar no “velho Abe” sem ficar na iminência de cair em lágrimas²⁴. Desde as primeiras cartas enviadas do Brasil, James faz uma série de alusões a generais e líderes das tropas nortistas, mostrando o quão permeado estava pela realidade da guerra, apesar de sua ausência no “grande evento” que marcou a sua geração²⁵.

Mas o fato curioso é que investigações sobre os bastidores da Expedição Thayer mostram que James não estava tão distante da guerra e de seus desdobramentos, como imaginava. Segundo Louis Menand (2001), o governo americano se fazia presente, utilizando o prestígio da expedição para enfraquecer a influência dos Confederados no Brasil, e buscando a abertura dos rios amazônicos para o comércio internacional²⁶. Louis Agassiz embarcou com cartas confidenciais da União destinadas ao ministro americano James Watson Webb, embora as linhas diplomáticas ligadas à guerra tenham se tornado obsoletas em sua chegada ao Rio de Janeiro. A campanha de internacionalização do Rio Amazonas, no entanto, foi bem-sucedida, com participação efetiva de dois tripulantes do vapor *Colorado*: o Rev. Fletcher, missionário protestante e diplomata no Brasil durante a década de 1850²⁷, e o próprio Louis Agassiz.

²³ Karp, 2016, cap. IV.

²⁴ Carta para Henry James Sr., 12 de setembro, 1865. In: Machado, 2006, p. 75.

²⁵ Machado, 2006; Cotkin, 1990, Cap. 01.

²⁶ Menand, 2001.

²⁷ Cf. James, D. 1952; Rosi, 2013.

Embora Fletcher apareça nas cartas enviadas por James apenas incidentalmente, ele teve um papel fundamental na aproximação entre Brasil e Estados Unidos, desfrutando de uma amizade pessoal com o imperador D. Pedro II. No livro *Brazil and the Brazilians* (1857), Fletcher relata que essa aproximação ocorreu mediada pelo vivo interesse do imperador por escritores americanos como Fenimore Cooper, Nathaniel Hawthorne, John Wittier e, especialmente, o poeta Henry W. Longfellow²⁸. A partir de 1855, Fletcher foi exitoso em colocar D. Pedro II em contato direto com Longfellow e, posteriormente, com Louis Agassiz (James, D. 1952). Assim, em 1863, uma intensa troca de cartas é iniciada entre o imperador e o naturalista, culminando no decisivo apoio oferecido pelo Império Brasileiro à Expedição Thayer²⁹.

Analisada do ponto de vista pragmático-pluralista, contudo, esta cooperação desemboca em um curioso ponto de encontro entre diferentes perspectivas. Com a vitória da União na Guerra Civil e a abolição da escravidão nos Estados Unidos, os planos para o “vasto império do Sul” naufragam, em conjunto com os mirabolantes planos de “exportação” afro-americanos para o Brasil. As visões expansionistas e agressivas de Maury são superadas em prol de uma relação bilateral baseada na abertura comercial, no progresso industrial e na riqueza recíproca das duas nações, tendo Fletcher e Agassiz trabalhado de acordo com esses princípios. Mas seria, então, o fim da ideia de um “Sul mais profundo” como laboratório de hierarquias e segregações? Que visão do Sul emerge diante dos escombros de um tão sonhado império escravista?

Em 1867, após finalizar um curso sobre o Brasil em Boston, Agassiz escreve ao imperador: “dois eventos irão eletrizar o nosso país, a libertação dos escravos do Estado [Estados Unidos] e a abertura dos grandes rios do Brasil”³⁰. Agassiz aposta que a abolição poderá ajudar na regeneração de uma “raça deserdada”, e que a abertura do Amazonas irá estimular o espírito de aventura típico dos pioneiros americanos. Uma nova era de liberdade se aproxima, estimulada pela promissora circulação de pessoas, bens e interesses comerciais. Mas esta liberdade constitui também uma nova fonte de tensão e preocupação.

²⁸ Cf. Fletcher, [1857] 1868, cap. XIII. Para a relação entre D. Pedro II, Agassiz e o transcendentalismo americano, cf.: Freitas, 2002, p. 105-119.

²⁹ As missivas entre D. Pedro II e Louis Agassiz podem ser inteiramente encontradas em: James, David., 1952.

³⁰ *Id.* p. 147.

No livro *Viagem ao Brasil* (1868), Elizabeth Agassiz, esposa do naturalista e participante da Expedição Thayer, descreve uma “frenética” dança de afro-brasileiros na Baía de Guanabara, atribuída à celebração da abolição da escravidão nos Estados Unidos, perguntando: “O que farão essas criaturas do dom precioso da liberdade?”³¹. Em 1863, o mesmo questionamento havia sido feito ao próprio Louis Agassiz, em tons mais oficiais, pela *American Freedman’s Inquiry Commission*, que investigava os possíveis efeitos da abolição para afro-americanos. Em sua resposta, Agassiz defende que o principal desafio do país é evitar que os “mestiços” se transformassem em maioria, fato responsável pela decadência dos estados sulistas americanos e de países da América Central e do Sul³².

O vetor que aponta para o “Sul mais profundo” reaparece, não mais trazendo a terrível utopia de uma potência escravista intercontinental, mas uma advertência para os Estados Unidos sobre os efeitos deletérios do “*mulattoism*”, termo pejorativo utilizado à época para designar o processo de “amalgamento das raças”. A Amazônia, mais uma vez, é eleita o palco privilegiado da controvérsia. Em *Viagem ao Brasil*, Elizabeth Agassiz menciona os “avanços” realizados pela Expedição Thayer no estudo das raças, constatando que “em nenhuma outra parte do mundo se poderia estudar tão completamente como no Amazonas a mistura de tipos”, pois estes se encontravam numa “fusão indestrinçável”.³³

Esta segunda vertente da expedição, em paralelo à defesa do criacionismo na história natural, assume como objetivo o confronto entre os chamados “tipos híbridos”, oriundos da mistura entre brancos, negros e índios, e os “tipos raciais puros”, ainda não sujeitos à miscigenação. Quando chegou ao Brasil, Agassiz já era um defensor convicto da tese poligenista de que as raças humanas possuem fontes naturais e divinas distintas e, por conseguinte, qualquer híbrido produzido pelo cruzamento racial seria inferior ao tipo original³⁴.

O método escolhido por Louis Agassiz para comprovar a inferioridade física e moral do tipo híbrido é o registro fotográfico, técnica à época em plena ascensão. Os daguerreótipos produzidos por Agassiz, desde sua chegada aos Estados Unidos, foram redescobertos, por acaso, apenas em 1975, por uma funcionária do Museu Peabody em Harvard. Por sua vez, a

³¹ Agassiz E; Agassiz, L. 1868, p. 49.

³² Machado, 2010, p. 37; Irmscher, 2013, p. 279.

³³ Agassiz E; Agassiz, L. 1868, p. 296.

³⁴ Cf. Wallis, 1995; Stephens, 2000; Menand, 2001; Huber; Machado, 2010.

reconstrução histórica das séries fotográficas de Agassiz, realizada em trabalhos recentes, permite uma inserção mais abrangente das fotografias no eixo atlântico e caribenho Sul, vetor que articula os Estados Unidos e o Brasil, a partir da Amazônia.

O pioneirismo de Agassiz no uso da fotografia, para fins supostamente científicos, teve início na Carolina do Sul (EUA), durante a década de 1850, a partir de suas estreitas relações com o círculo naturalista de Charleston. Após defender ali suas teses poligenistas e racistas, Agassiz é convidado por um proeminente cientista local, Lewis Gibbes, para percorrer as *plantations* de algodão e estudar as pessoas escravizadas. Agassiz busca identificá-las pelas diversas “etnias” de origem e por suas características corporais, dando origem a uma série que seria registrada, posteriormente, em 15 daguerreótipos. Nestes registros, podemos identificar o padrão de imagem que será reproduzido no Brasil: as pessoas são “fotografadas de corpo inteiro, despidos e em poses fixas - frente, costas e perfil - ou apenas de torso e semi-despidos (...)”³⁵.

Quando chega ao Rio de Janeiro, o casal Agassiz parece compartilhar uma impressão semelhante a do jovem James: uma cidade africana com um ruidoso mercado tropical. Após décadas de intenso tráfico de pessoas escravizadas, a cidade permite ao naturalista um estudo dos “tipos raciais” vindo de praticamente todas as regiões da África, tendo sido por ele registradas, ao final, 24 diferentes “etnias”. Em sua busca por “tipos puros” não miscigenados, Agassiz dedica uma maior atenção aos negros oriundos da África Ocidental, denominados genericamente de “Minas” e descritos, em *Viagem ao Brasil*, como “de traços corretos e de tipo mais nobre que o dos negros dos Estados Unidos”³⁶. Agassiz intitulou esta série de “Raças Puras”, definindo como objetivo a comparação com os tipos já estudados na Carolina do Sul e com os “tipos híbridos”³⁷.

Por sua vez, quando chega a Manaus, através do vapor Icamiba, Agassiz aproveita uma pausa na coleta de peixes para improvisar uma espécie de ateliê fotográfico destinado ao registro da série “Raças Mistas”. Elizabeth Agassiz comenta que, neste momento, o centro da expedição passou a ser “o estudo das variadíssimas misturas que se fazem entre as duas raças, índios e negros, e dos cruzamentos tão frequentes neste país”³⁸. Sobre o tema, ao

³⁵ Huber; Machado, 2010, p. 23.

³⁶ Agassiz E; Agassiz, L; 1868, p. 82.

³⁷ Huber; Machado, 2010.

³⁸ Agassiz E; Agassiz, L; 1868, p. 265

contrário de suas visões sobre os “tipos puros” encontrados no Rio de Janeiro, ela conclui que o “amalgama das raças” parece ter tido “sobre o desenvolvimento físico uma influência muito mais desfavorável do que nos Estados Unidos”³⁹. A “pureza do tipo”, segundo ela, teria sido destruída resultando numa “classe híbrida”, num “composto vago, sem caráter e sem expressão”⁴⁰.

É aqui que o caráter híbrido da população amazônica, e sua suposta degenerescência física e moral, aparece como alerta sobre um possível futuro dos Estados Unidos pós-abolição. Se da classificação dos “tipos raciais puros” resultaria uma escala de hierarquias fixas que tem no homem branco o seu ponto mais alto, o estudo dos “tipos híbridos” revela a possibilidade do desaparecimento das próprias raças, constituindo um equivalente antropológico das catástrofes narradas pela história natural. Podemos, agora, compreender a dupla batalha que Agassiz trava no “Sul mais profundo”: trata-se, a partir no laboratório amazônico, de estabelecer uma hierarquia prévia à natureza e à sua diversidade e, ao mesmo tempo, de conciliar segregação e liberdade em um continente cada vez mais aberto à circulação de bens e pessoas e às lutas abolicionistas.

3. O SUL PLURAL E PRAGMÁTICO DE JAMES

Quando planejou a sua viagem para o Brasil, William James pretendia conhecer a si mesmo e ter uma maior consciência dos seus recursos, retornando aos Estados Unidos com um “caráter mais desenvolvido e estabelecido”⁴¹. É difícil saber em que medida o objetivo foi alcançado, mas certo é que a sua experiência no Sul intensificou um esforço pluralista realizado a partir de alguns deslocamentos difíceis.

Esse esforço pode ser percebido, em primeiro lugar, por uma série de impressões sensíveis que se afastam das visões estáticas e hierarquizantes presentes na Expedição Thayer. Apesar de ter sucumbido, em alguns momentos, às tentações de exotização do tropical⁴², James parece buscar uma perspectiva menos idealizada da natureza e das práticas sociais

³⁹ *Id.*, p. 282

⁴⁰ *Id.*, p. 292.

⁴¹ Carta para Henry James, 03 de junho de 1865. In: Machado, 2006, p. 61.

⁴² Cf: Carta para Henry James, 15 de julho de 1865. James descreve a Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, como um “Jardim do Éden”, embora ela seja formada, como sabemos, por uma Mata Atlântica urbana à época regenerada por Dom Pedro II (1861). In: Machado, 2006, p. 64; Machado, 2006b, p. 41. Para uma visão histórica deste tipo de idealização, cf.: Stepan, 2001; Araújo, 2015.

encontradas no Brasil. Já em sua chegada ao Rio de Janeiro, ele questiona o desejo de Agassiz em ser “demasiadamente onisciente”, atribuindo ao naturalista, em função disso, uma “charlatanice” quase infantil⁴³. O mesmo incômodo é direcionado a Elizabeth Agassiz em seu trabalho incessante de anotação que dará origem ao livro *Viagem ao Brasil* (1868). James nota que ela está “tão convicta em compreender”, em descrever tudo o que vê, que é incapaz de se descontraír e de experimentar os trópicos. Em seu diário, ele observa que Elizabeth Agassiz olha tudo sob uma luz tão romântica e não natural, que parece “não andar por sobre sólido chão”, vendo apenas personagens, fantasias e um palco com cenário apropriado⁴⁴.

Além disso, James não se vê atraído, de forma alguma, pela extração quantitativa de espécies naturais, fato sintetizado na sua famosa afirmação “se há algo que eu odeio é coletar”⁴⁵. Não que a atividade tenha, de fato, fracassado. Pelo contrário, uma das proezas divulgadas por Agassiz sobre a Expedição Thayer, foi a quantidade enorme de peixes coletada e o número de novas espécies encontradas. Contudo, essa extensa classificação se deve, justamente, a uma visão estática e englobante da natureza, na medida em que cada pequena variação é tratada como uma espécie exclusiva, criada por Deus⁴⁶.

Ainda no Rio Xingu, James relata que Agassiz estava completamente paralisado e eufórico pelo sucesso da coleta, temendo “que os deuses desejem a sua ruína”⁴⁷. Em seu diário, ele ironiza o feito, ilustrando-o através do jocoso desenho “*Triumphal Return of Mr. D. from Brazil*” (1865). Nele, vemos o caçador Dexter liderando uma espécie de desfile napoleônico, em cujas fileiras vemos um “grande diamante do império”, “poemas”, “novos e desconhecidos gêneros de animais descobertos e capturados”, o anúncio da descoberta de “400 milhões de novas espécies de Peixes” e “jovens e lindas índias apaixonadas por Dexter”. Já no primeiro plano do desenho, o caçador aparece bêbado e desorientado, atirado ao chão, próximo a uma garrafa de gin Old Tom.⁴⁸

⁴³ Carta para Henry James, 03 de maio de 1865. In: Machado, 2006, p. 58.

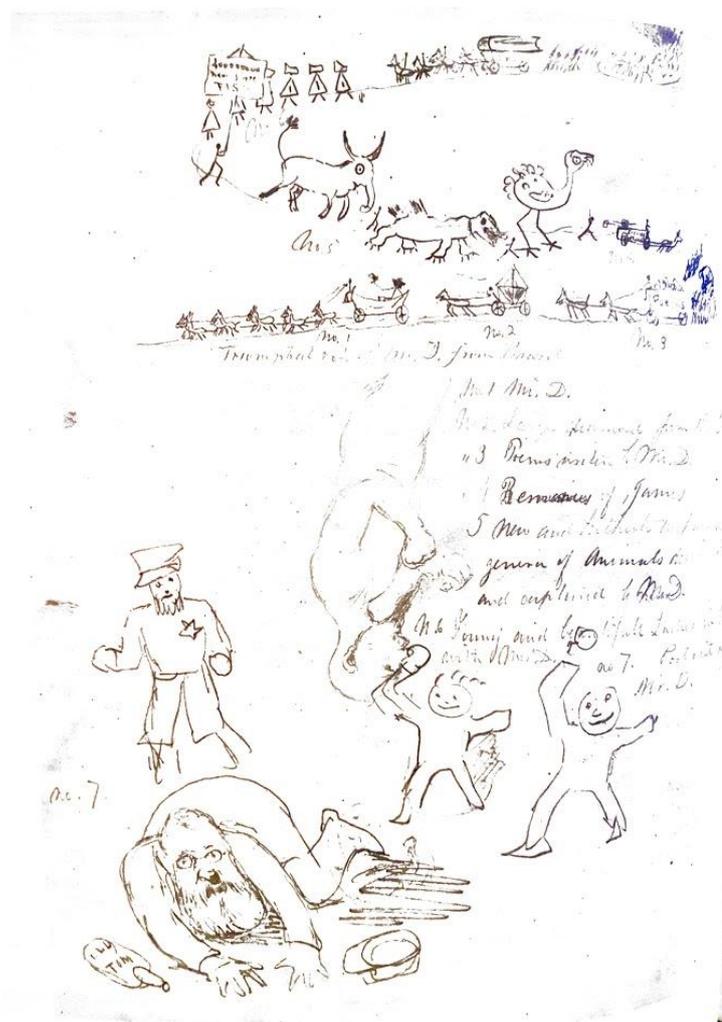
⁴⁴ Carta para Alice James, 06 de novembro de 1865. Diário, 10 de novembro de 1865. In: Machado, 2006, p. 83-88.

⁴⁵ Carta para Henry James e Mary Walsh James, 22 de outubro de 1865. In: Machado, 2006, p. 80

⁴⁶ Cf. Machado P.T. 2010, p. 58; James, D. p.100; Agassiz; 2000, p. 506

⁴⁷ Carta para Mary Walsh James, 03 de agosto de 1865. In: Machado, 2006, p. 67.

⁴⁸ Machado, 2006b, p. 33.



(“Triumphal Return of Mr. Dexter from Brazil”⁴⁹. Desenhos de William James na Amazônia, 1865).

James parece brincar com o efeito embriagante gerado pelo acúmulo de amostras que a expedição reúne, todas conservadas em incontáveis barris que seriam amontoados no Museu Peabody, em Harvard. O curioso é que, mesmo tendo em mãos uma inédita coleção, em nenhum momento ele tenta descrevê-la à maneira de um naturalista. Pelo contrário, quando livre do trabalho mecânico, James se interessa em narrar experiências em que a natureza e a floresta são vistas diretamente em suas relações com os objetos, com as pessoas e com ele mesmo.

No Rio de Janeiro, na subida para a montanha do Corcovado, ele se impressiona com o poder da vegetação que, invadindo os muros das casas, une “o que é artificial com o natural”. Na Amazônia, navegando pelo Rio Xingu, a bordo de um barco repleto de macacos

⁴⁹ *Id.* p. 34.

e papagaios domesticados, enxerga “florestas risonhas, cujos galhos se oferecem aos braços dos tripulantes”. Em uma parte isolada do Rio Tapajós, ele sente uma tempestade fria cair sobre o seu corpo, atingindo-o como “tiros de um espingardinha de chumbo”. Já no Solimões, descreve sua chegada “na terra dos pernalongos”, onde os torturantes insetos invadem a boca dos visitantes e os “numerosos peixes antropófagos” podem arrancar a carne com “pequenas mordidas”⁵⁰.

Impressões semelhantes são registradas em seu contato com a população da Amazônia. Ao descrever uma conversa entre o seu guia, o Sr. Urbano e os vizinhos de sua hospedagem, James valoriza a ausência de “palavras exageradas” e “metáforas improváveis” que marcariam o divertimento dos “ianques”. Lembrando-se de suas reuniões familiares, James cogita haver mais “beleza e harmonia” nessas conversas, que naquelas conduzidas pelo seu próprio pai em Newport. Ele reconhece no Sr. Urbano uma espécie de “refinamento nativo”, graça e inteligência que estariam muito distantes da “brutalidade e vulgaridade anglo-saxônica”.

Sem dúvida, mesmo que sujeito à idealização e à terminologia da época, o retrato elaborado por James dos nativos da Amazônia é bem diferente da visão que o casal Agassiz tinha dos “tipos mistos”. Em seu relato sobre o ateliê fotográfico de Manaus, James dá a entender que este nada tinha de científico, sendo apenas um subterfúgio para induzir mulheres da localidade a se despirem⁵¹. Em contraposição às poses fixas e constrangedoras mantidas para fins de hierarquização racial, James prefere desenhar os personagens amazônicos em seus gestos singulares e cotidianos, com imagens que transmitem movimento e expressão. Em conjunto com os desenhos de animais silvestres e os croquis dos locais rústicos por onde passou, elas compõem uma espécie de mosaico de experiências concretas, buscando escapar, tanto da representação tropical exotizante, como da “objetividade” racista dos registros de Agassiz.

⁵⁰ Cartas para Henry James, 10 de maio de 1865; para Mary Walsh James, 23 de agosto de 1865; para Alice James, 31 de agosto de 1865, e para Henry James Sr., 12 de setembro de 1865. In: Machado, 2006, p. 59-75.

⁵¹ *Id.* p. 88.



(Desenhos de William James na Amazônia⁵², 1865).

É aqui que podemos vislumbrar uma perspectiva alternativa de Sul, baseada em experiências plurais e pragmáticas cujo centro seria a própria *construção da relação*. A recusa em assumir uma visão previamente determinada da natureza e dos “tipos humanos” resulta em perspectivas construídas a cada momento, em cada encontro e a cada nova experiência. Trata-se de um tipo de conhecimento que David Lapoujade, em seu livro sobre a filosofia de James, denomina de deambulatório: um conjunto em ziguezague de percursos, de prolongamentos e junções, que não culminam numa síntese global⁵³. Ou, ainda, algo próximo do que o poeta Édouard Glissant, referindo-se ao caldeirão caribenho e amazônico, denomina de “*créolisation*”: o resultado errático e imprevisível do choque entre diversas culturas, resultando numa experiência sempre nova, difícil e ambígua⁵⁴.

No caso de James, essa experiência do Sul acaba produzindo, no limite, uma transformação radical de si mesmo. Em suas cartas para a irmã, Alice James, ele descreve o estado de penúria e ruína física em que se encontra⁵⁵. A cabeça raspada, a barba por fazer, os pés queimados de sol, as mãos feridas, o rosto ainda marcado pela varíola e três meses sem contato com qualquer livro. Em sua última carta expedida do Brasil, à margem do Rio Amazonas, ele se diz embalado por um sono e por uma monotonia que penetra toda a natureza e a vida amazônica. Aos poucos, não só o aspecto físico, mas a própria existência começa a mudar profundamente: “estranho dizer, é a minha antiga existência que já começou a parecer um sonho”. E com a nova existência, surge também uma nova percepção da vida

⁵² Machado, 2006.

⁵³ Lapoujade, 2017, p. 73.

⁵⁴ Glissant, 1997, p. 37.

⁵⁵ Carta para Alice James, 31 de agosto de 1865. Machado, 2006, p. 71.

cultural de sua distante Nova Inglaterra: a ideia de pessoas “se matando em pensar sobre coisas que não têm nenhuma conexão com suas meras circunstâncias externas, estudando ao delírio, perdendo o juízo por causa de religião, filosofia & tal (...), me parece inacreditável e imaginário, e ainda assim parti há apenas oito meses”.⁵⁶

Aberto às múltiplas experiências do Sul mais distante, James vê com mais clareza as consequências do dogmatismo e do pensamento puramente abstrato em sua cultura de origem. Ainda jovem, faz conhecer a sua exigência de que cada nova ideia ou verdade passe pelo crivo da experiência e das consequências práticas. É essa sensibilidade pragmática que será mobilizada, décadas depois, em sua crítica ao imperialismo norte-americano, quando uma “febre de guerra” se volta novamente para o Sul, ressuscitando o Destino Manifesto de Herndon, Maury & Cia⁵⁷.

Mas, entre 1864 e 1865, James está ainda à procura das primeiras ferramentas teóricas para a construção do seu pluralismo. Um pouco antes de embarcar para o Brasil, ele começa uma série de resenhas científicas que apontam para uma posição teórica singular e complexa: de um lado, uma crítica à tradição da qual Agassiz faz parte; de outro, um receio de que a nova ciência apoiada em Darwin se transforme num outro dogmatismo ou determinismo⁵⁸. É, notadamente, este original deslocamento que marca o inicial esforço pluralista de James, apontando para a direção de um universo sempre aberto ao novo. Não podemos esquecer, por certo, que esse movimento é feito *por dentro* do cientificismo da época, não ultrapassando, ainda, os demarcadores raciais presentes naqueles estudos antropológicos.

Com efeito, em resenha sobre o biólogo britânico Thomas Huxley, James vê como positiva a superação de uma visão divina e estática da natureza, tradição representada pelo naturalista francês Georges Cuvier, e seguida por Louis Agassiz. Por outro lado, ele parece querer evitar as novas tentações dogmáticas que enxergam na natureza apenas o resultado de “propriedades comuns da matéria”, tomando como não resolvida a relação entre o natural e o sobrenatural.⁵⁹ Em resenha sobre a teoria do naturalista Alfred Wallace sobre a origem das raças humanas (1864), James defende que o poligenismo encontrou uma crítica à altura,

⁵⁶ Carta para Mary Walsh James, 09 de dezembro de 1865. Machado, 2006, p. 85.

⁵⁷ Cf. Cotkin, 1990, Livingston, 2016.

⁵⁸ James, 1987, pp. 205-221.

⁵⁹ *Id.*, p. 205.

na medida em que era possível comprovar a origem remota da “raça humana”, assim como reconhecer que as variações eram produzidas a partir de um estoque comum⁶⁰.

Em uma terceira resenha, em 1868, James, já tendo realizado a viagem ao Brasil, comenta a obra do antropólogo francês Armand de Quatrefages, *Rapport sur les progrès de l'anthropologie en France* (1867), especificamente o tema referente à polêmica entre poligenismo e monogenismo, notando que essa controvérsia, na América, teria contagiado o público em função do debate racial. Para James, a disputa entre as duas correntes estaria totalmente contaminada por preconceitos religiosos e dogmáticos, o que levaria a uma “vasta massa de péssima anatomia, da pior psicologia, e de uma estatística ainda pior”⁶¹. O livro de Quatrefages, no entanto, caminha no sentido contrário, apresentando uma pesquisa consistente e refletida a favor da tese monogenista.

Talvez pensando em sua experiência na Amazônia, James considera que um dos capítulos mais interessantes do livro é aquele em que Quatrefages analisa os problemas de “aclimação” das espécies e as teses poligenistas sobre a existência de um *habitat* natural para cada “raça”. O que está em jogo é, justamente, o efeito dos trópicos para as “raças” que não seriam originárias dessas regiões do planeta. James ressalta que Quatrefages reuniu uma ampla estatística, baseada na colonização francesa, demonstrando que se existe “perda de vitalidade”, esta poderia se dar simplesmente pelos hábitos sociais dos colonizadores.

Para Quatrefages, embora muitos catastrofistas tenham profetizado o fim da humanidade através do “amalgamento” que ocorria nos trópicos, ela só poderia ter efeitos positivos e salutares. Seria o caso de pensar, inclusive, que somente quando o máximo de relação for atingido, a humanidade como um todo poderia avançar. Apesar de criticar os exageros de estilo, James acredita que o livro de Quatrefage apresenta provas suficientes para afastar o pessimismo que marca as origens da antropologia em sua relação com o Sul, considerando-o uma contribuição pioneira para a emergente disciplina⁶².

James, portanto, mesmo que no interior dos jargões científicos da época, já está em condições teóricas de questionar os três pilares do naturalismo onisciente de Agassiz: (i) a natureza não é estruturada por um plano divino que atribui às espécies um papel único e estático; (ii) o poligenismo parece improvável diante das evidências apresentadas por Darwin

⁶⁰ *Id.*, p. 214.

⁶¹ *Id.*, p. 218

⁶² *Id.*

e seus seguidores; (iii) a tese da degeneração dos “tipos híbridos” não encontra o respaldo necessário em dados estatísticos e antropológicos. No entanto, embora essas conclusões revelem uma sólida capacidade crítica, nos anos posteriores à viagem ao Brasil, James ainda aparece imerso em profundas dúvidas e impasses quase insolúveis.

CONCLUSÃO: UM PERCURSO INACABADO

Paul Croce, em seu recente livro *Young William James Thinking* (2018), afirma que, neste período, James decide mergulhar em sua própria ambivalência conduzindo, a partir da Alemanha, estudos empíricos de fisiologia nos moldes do positivismo e, ao mesmo tempo, uma imersão existencial na arte e na literatura da Grécia Antiga e dos românticos alemães, como Goethe e Schiller. A questão se refere à possibilidade de conciliação entre a característica áspera das ciências da natureza pós-Darwin e uma cosmovisão que considera a presença de forças invisíveis na vida e na natureza. Os gregos, neste sentido, podem oferecer o exemplo de uma cultura que compatibiliza a razão com a presença de um “espírito de encantamento” que, inerente à própria existência, nada teria de abstrato⁶³.

Essas impressões são compartilhadas com o irmão em carta enviada de Dresden, no dia 05 de abril de 1868⁶⁴. James se lança nos livros *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, surpreso com a capacidade dos gregos em “aceitar o universo” sem atribuir-lhe qualquer sentido fechado ou impositivo. Não só o bem e o mal aparecem como algo passageiro e perecível, destituídos de qualquer força absoluta, como a existência encontra uma justificativa na própria vida, e nada mais. Mas, não é só isso: três anos após o embarque no vapor Colorado, James relata, com doses de romantismo e nostalgia, uma curiosa aparição em sua leitura dos gregos: “Meus índios sul-americanos continuam aparecendo diante de mim agora enquanto leio a *Odisseia*”. Para ele, a “saúde, o brilho e a frescura” de uma existência ameríndia, radicalmente alheia ao peso dogmático das crenças modernas, parecem inspirar uma nova busca, mesmo que o horizonte continue incerto⁶⁵.

Em uma carta para o seu companheiro de expedição, Thomas Ward, escrita neste mesmo período, James revela a sensação de não ser capaz de realizar nada, enquanto o

⁶³ Croce, p. 2018, *kindle edition*, posição 3488

⁶⁴ Carta para Henry James, 05 de abril de 1868. In: Perry, 1996, pp. 102-103.

⁶⁵ *Id.* p. 103.

mundo, visto em suas fermentações e reações químicas, não faria sentido. Ele se sente totalmente inapto para o trabalho científico, no exato momento em que o seu único ideal de vida passa a ser, paradoxalmente, a dedicação à ciência. E quando a dúvida chega ao ponto de questionar se algum será útil em algo, ele cogita: “por que não dar uma volta na escuridão verde?”⁶⁶. Neste instante de desespero, surge um fio de esperança lembrando que restos e “fragmentos de beleza” foram lançados, persistindo o suficiente para produzir algo significativo. Essas forças, embora precárias e efêmeras, já “valem mais para o mundo” do que qualquer reação química analisada pelas ciências⁶⁷.

Constrangido por uma dupla insatisfação - de um lado, o mundo englobado por um plano divino voluntarioso; de outro, o mundo entregue à cegueira das “propriedades da matéria” - James tenta estabelecer outro ponto de partida. Mas ele só pode ser bem-sucedido se encontrar nos fragmentos e nos percursos inacabados, um novo terreno a ser explorado. É nesta insistência - onde a construção da relação se torna uma experiência difícil, pragmática e necessária - que reside o Sul plural de James. Se for possível reduzir em uma fórmula: uma escuridão verde, sempre à espreita, mas também algumas possibilidades trazidas por ventos amazônicos e caribenhos. Das sucessivas crises de juventude à teorização de um universo inacabado e aberto a novas adições, não deixa ser esse o enigma que acompanhou James, desde o início, em seu esforço pragmático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGASSIZ, Elizabeth; AGASSIZ, Louis. *A journey in Brazil*. Boston: Ticknor and Fields, 1868.

AGASSIZ, Louis. *Introduction to the Study of Natural History, Edited and Annotated by Christoph Irmischer*. Cham: Springer, 2017.

ARAÚJO, Ana Lucia. *Brazil through French Eyes. A nineteenth-century artist in the tropics*. New Mexico: The University of New Mexico Press, 2015.

BRITO, Luciana da Cruz. *Impressões norte-americanas sobre escravidão, abolição e relações raciais no Brasil escravista*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 221 f. 2014.

⁶⁶ Carta para Thomas Ward, 09 de outubro de 1868. In: Perry, 1996, pp. 111-112.

⁶⁷ *Id.* p.112.

_____. “O Brasil por Frederick Douglass: impressões sobre escravidão e relações raciais no Império. In: Estudos Avançados, n. 33 (96), 2019.

CARDOSO, Antônio Alexandre Isidio. “O mundo de Manoel Urbano da Encarnação: indígenas, regatões, migrantes e fugitivos no avanço rumo ao oeste amazônico no século XIX”. In: XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: ANPUH Brasil, 2013.

COCCO, Giuseppe. *MundoBraz*. O Devir-Mundo do Brasil e o Devir-Brasil do Mundo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

COTKIN, George. *William James: Public Philosopher*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1990.

CROCE, Paul J. *Young William James Thinking*. Kindle Edition. Baltimore: John Hopkins, 2018.

DA CUNHA, Euclides. *À margem da História*. São Paulo: UNESP, 2018.

FLETCHER, James C. *Brazil and the Brazilians*. 8ª Ed. Boston: Little, Brown and Company, 1868.

FREIRE, Marcus Vinicius de Freitas. *Charles Frederick Hartt*. Um naturalista no Império de Pedro II. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1990.

GLISSANT, Édouard. *Traité du Tout-Monde*. Poétique IV. Paris: Gallimard, 1997.

GOUVÊA DE BULHÕES *et al.* *Four Papers Presented in the Institute for Brazilian Studies*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1951.

HALLIWELL, Martin; RASMUSSEN, Joel D. S. (Eds.). *William James and the Transatlantic Conversation: Pragmatism, Pluralism and Philosophy of Religion*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hileia*. Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: UNESP, 2009.

HECHT, Susanna B. *The scramble for the Amazon and the “Lost paradise” of Euclides da Cunha*. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

HEFLIN, Wilson. *Herman Melville Whaling Years*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004.

HERNDON, William. *Exploration of the Valley of the Amazon*; Vol. I. American SENATE, 1853.

HORNE, Gerald. *O Sul Mais Distante: Os Estados Unidos, o Brasil e o Tráfico de Escravos Africanos*. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Schwarcz, 2010.

HUBER, Sasha; MACHADO, Maria Helena P. T. [Orgs]. *Rastros e Raças de Louis Agassiz: Fotografia, Corpo e Ciência, Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Capacete Entretenimentos, 2010.

IRMSCHER, Cristoph. *Louis Agassiz: Creator of American Science*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2013.

_____. *The poetics of Natural History*. 2ª Ed. New Brunswick: Rutgers University Press, 2019.

JAMES David. “O Imperador do Brasil e seus amigos na Nova Inglaterra”. In: *Anuário do Museu Imperial*, vol. 13, 1952.

JAMES, William. *Essays, comments and reviews*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.
KARP, Matthew. *This Vast Southern Empire*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2016.

LAGO, Bia Corrêa do. *Augusto Stahl: Obra Completa em Pernambuco e Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Capivara, 2001.

LAPOUJADE, David. *William James. A construção da experiência*. Trad. Hortência Santos Lencastre São Paulo: N-1, 2017.

LIVINGSTON, Alexander. *Damn great empires! William James and the politics of pragmatism*. New York: Oxford University Press, 2016.

MACHADO, Maria Helena P. T. *Brasil a vapor: Raça, Ciência e Viagem no Século XIX*. Tese de livre-docência, USP, 2005.

_____. *Brazil through the Eyes of William James: Diaries, Letters, and Drawings, 1865-1866*. Bilingual Edition / Edição Bilíngüe. Translated by John M. Monteiro. Cambridge, MA and London: Harvard University Press, 2006.

_____. “An American Adam in the Amazonian Garden of Eden”. In: *Brazil through the Eyes of William James: Diaries, Letters, and Drawings, 1865-1866*. Bilingual Edition/Edição Bilíngüe. Translated by John M. Monteiro. Cambridge, MA and London: Harvard University Press, 2006b.

_____. “Os abolicionistas brasileiros e a Guerra de Secessão”. In: ABREU, Martha; PEREIRA, Matheus Serva. [Org]. *Caminhos da liberdade: histórias da abolição e da pós-abolição no Brasil*. Niterói: PPGHistória. UFF, 2011.

MELVILLE, Herman. *Jaqueta branca ou um mundo no navio de guerra*. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo, 2017.

MENAND, Louis. *The metaphysical Club*. A Story of Ideas in America. Nova York: Farrar, Straus, Giroux, 2001.

PERRY, Ralph Barton. *The Thought and Character of William James*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1996.

RATTES, Cecília Luttembarck de Oliveira Lima. *Retratos do Outro: as fotografias antropológicas da Expedição Thayer e da Comissão Geológica do Império do Brasil (1865-1877)*. 2010. 212 f. Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

RICHARDSON, Robert D. *William James*. In the Maelstrom of America Modernism. A biography. Kindle Edition. Boston/New York: Mariner Books. Houghton Mifflin Company, 2006.

ROGERS, Molly. *Delia's Tears*. Race, Science, and Photography in Nineteenth-Century America. Kindle Edition. New Haven/London: Yale University Press, 2010.

ROSI, Bruno Gonçalves. "James Cooley Fletcher, o missionário amigo do Brasil". In: Almanack. Guarulhos, n.05, p.62-80, 1o semestre de 2013.

SMITH, Carleton Sprague Smith. "William James in Brazil". In: GOUVÊA DE BULHÕES *et al.* *Four Papers Presented in the Institute for Brazilian Studies*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1951.

STEPAN, Nancy. *Picturing Tropical Nature*. London: Reaktion Books, 2001.

STEPHENS, Lester D. *Science, Race and Religion in the American South: John Bachman and the Charleston Circle of Naturalists, 1815 – 1895*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2000.

WAHL, Jean. *Vers le Concret: Études d'Histoire de la Philosophie Contemporaine*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1932.

WALLIS, Brian. "Black Bodies, White Science: Louis Agassiz's Slave Daguerreotypes". In: *American Art*, Vol. 9, No. 2, 1995.